

# Linguagem e representação da realidade

Cristiane Fuzer

## RESUMO

Este trabalho tem por propósito mostrar como a linguagem pode ser usada para representar experiências do/no mundo real. Para isso, são utilizados pressupostos teóricos da Gramática Sistemico-Funcional, em Halliday e Matthiessen (2004) referentes à função experiencial da linguagem. A análise, do tipo qualitativa, consiste na descrição dos componentes da transitividade (processos, participantes e circunstâncias) que constituem as orações do texto, e na verificação do modo como a linguagem é usada para representar lugares, coisas, pessoas ou fenômenos. Para ilustrar a análise, selecionou-se um texto que circula em correntes na Internet e que tem o status de mensagens de aconselhamento. A sistemática proposta possibilita uma leitura criteriosa dos textos, cuja interpretação é autorizada pelos elementos linguísticos escolhidos pelo usuário do sistema da língua.

**Palavras-chave:** Linguagem. Representação. Transitividade.

## Language and representation of reality

## ABSTRACT

This work has the purpose of showing how the language can be used to represent experiences of/in the real world. To do that, theoretical presupposition of the Systemic-Functional Grammar, based on Halliday & Matthiessen (2004), are used concerning the experimental function of the language. The qualitative type analysis consists of the description of the transitivity components (process, participants and circumstances) that comprise the text clauses, and consists in the verification of the way in which the language is used to represent places, things, people or phenomenon. To illustrate the analysis, it was selected a text that circulates on the Internet which has the status of an advising message. The strategy proposed allows a perceptive reading of the texts, whose interpretation is authorized by the linguistic elements chosen by the user of the language system.

**Keywords:** Language. Representation. Transitivity.

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas podem representar suas experiências no mundo de diversas maneiras através da linguagem. Por meio de textos, representam suas ações, seus sentimentos, suas avaliações, seus comportamentos, segundo seus propósitos num dado contexto.

---

**Cristiane Fuzer** é doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da Profa. Dra. Nina Célia Barros. E-mail: crisfuzer@yahoo.com.br.

**Endereço para correspondência:** BR 158, Faixa de Rosário do Sul, n. 260, Bloco A5, Apto. 206, Bairro Pinheiro Machado. CEP: 97030-620. Santa Maria, RS. Fone: (55) 9961.4713.

Textura	Canoas	n.16	p.58-68	jul./dez. 2007
---------	--------	------	---------	----------------

De acordo com Martin e Rose (2003, p.6), “falantes e escritores constroem sua experiência de realidade como discurso”. A análise de como os textos representam as pessoas, as coisas e os fatos num campo da atividade social possibilita verificar-se o funcionamento de uma das funções primordiais da linguagem: a função experiencial (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Focaliza-se o conteúdo de um discurso com base nestas questões: que tipos de atividades são empreendidas, como os participantes dessas atividades são descritos, como são classificados e do que fazem parte. Em outras palavras, a função experiencial diz respeito ao modo como a experiência de “realidade” (material e simbólica) das pessoas é construída em seus discursos, com base nas escolhas que realizam em nível gramatical, ou seja, no nível da transitividade. Segundo Cunha e Souza (2007, p.53-54), “o sistema de transitividade permite identificar as ações e atividades humanas sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada”.

A consciência desse funcionamento da linguagem é fundamental no processo de leitura e produção de textos. Mas o que significa ler e produzir textos? Na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, podemos dizer que ler consiste em reconhecer como os textos representam pessoas, coisas e fatos num campo da atividade social, e escrever ou falar consiste em representar pessoas, coisas e fatos por meio da escolha de elementos lingüísticos, embora nem sempre essa escolha seja consciente.

Nesse sentido, o propósito deste trabalho é mostrar como a função experiencial da linguagem se realiza no texto, ou seja, como as experiências da realidade são construídas gramaticalmente no discurso. A análise é do tipo qualitativa e consiste em duas etapas. A primeira é a descrição dos componentes da transitividade (processos, participantes e circunstâncias) que constituem as orações do texto. Em decorrência dessa descrição, são depreendidos os efeitos de sentido produzidos no texto sob a perspectiva da função experiencial da linguagem.

A apresentação das noções teóricas sobre transitividade e a explicação dos sentidos depreendidos são realizadas a partir da análise de um texto, selecionado entre textos que circulam em correntes na Internet e que tem o status de mensagens de aconselhamento.

## **2 REPRESENTAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS POR MEIO DO SISTEMA DE TRANSITIVIDADE**

Por partilharmos o mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias com os outros, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo, criamos representações. Elas são construídas e trazidas pelas palavras, são veiculadas em mensagens e imagens midiáticas e circulam nos discursos. No campo das Ciências Sociais, o estudo das representações iniciou na França sob o impulso de Serge Moscovici (1976). Nessa área, a representação social é entendida como uma “forma de conhecimento socialmente

elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.22).

Enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com as outras pessoas, as representações sociais orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Assim, representar ou se representar corresponde, segundo Jodelet (2001), a um ato de pensamento pelo qual o sujeito se reporta a um objeto, apresentando-o, substituindo-o, tomando seu lugar. A representação possibilita tornar o objeto presente quando ele está distante ou ausente, isto é, ela o restitui simbolicamente.

A restituição simbólica de objetos é uma das funções da linguagem e, como as práticas lingüísticas são sociais, é fundamental o papel das palavras como suporte das representações (HARRÉ, 2001). Os vínculos entre atividade lingüística e manifestação das representações sociais são enfatizados nas Ciências Sociais. Nesse sentido, a noção de representação está presente no campo da Lingüística e é relacionada a uma das metafunções da linguagem na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), proposta em Halliday; Matthiessen (2004).

Para esse autor, uma das funções da linguagem é representar nossas experiências exteriores e interiores. Mas, há uma diferença entre aquilo que experimentamos agindo no mundo ao redor de nós e aquilo que experimentamos agindo dentro de nós mesmos, no mundo de nossa consciência, incluindo percepção, emoção e imaginação. A experiência exterior pode ser mais facilmente classificada. A forma prototípica dessa experiência corresponde a ações ou eventos que acontecem ou são realizadas por atores sociais, que fazem coisas ou levam-nas a acontecer. Já a experiência interior é considerada uma espécie de repetição da experiência exterior, recordando-a, reagindo a ela, refletindo sobre ela, no nível da consciência.

Halliday; Matthiessen (2004) salientam que orações que realizam diferentes tipos de eventos têm contribuições distintas para a construção da experiência nos textos. A escolha do falante/escritor por uma ou outra estrutura lingüística dependerá do contexto em que ocorre a enunciação. Gramaticalmente, não apenas o verbo, que serve como processo se desenvolvendo através do tempo, é afetado, mas também grupos nominais e grupos adverbiais são afetados em algum grau. Na GSF, os conceitos de processo, participante e circunstância<sup>1</sup> são categorias semânticas que explicam de modo mais geral como fenômenos de nossa experiência do mundo são construídos na estrutura lingüística. A combinação de processo, participante e circunstância é chamada de “figura”. No centro da figura está o processo, no qual está envolvido um ou mais participantes. A circunstância pode ou não aparecer.

No âmbito da experiência exterior, o evento ou ação pode ser estabelecido, gramaticalmente, como processo (realizado tipicamente por grupos verbais) ou como

---

<sup>1</sup> A nomenclatura adotada aqui segue a Lista de Termos de Gramática Sistêmico-Funcional em Português, aprovados para utilização pelos participantes na lista de discussão [gsemportugues@egroups.com](mailto:gsemportugues@egroups.com).

participante (realizado tipicamente por grupos nominais). Assim, uma atividade pode ser estabelecida na oração como processo (por exemplo, *vende* em “vende-se encantadora propriedade”) ou como participante (por exemplo, *venda* em “a venda da propriedade foi realizada”).

Os eventos “se desenvolvem de um estado inicial para um final” (CORÔA, 2005, p.67), ou seja, implicam mudança. Segundo Halliday; Matthiessen (2004, p.179), “processos de todos os tipos desdobram-se através do tempo, mas o modo como o processo desdobra-se pode variar de um tipo de processo para outro”. Com base nessa variação no desdobramento, o processo pode ser classificado de diferentes modos. Neste trabalho, focalizam-se os processos materiais, mentais, verbais, comportamentais e relacionais.

A definição e a exemplificação desses tipos de processos e a verificação dos sentidos depreendidos são a seguir realizadas com base num texto que circula como mensagem em correntes pela Internet. A autoria, como ocorre na grande maioria dos textos nessa condição, é desconhecida. Ao final da mensagem, é informado apenas o *site* em que ela está disponível ([www.otimismoemrede.com](http://www.otimismoemrede.com)). Eis o texto:

O dono de um pequeno comércio, amigo do grande poeta Olavo Bilac, certo dia abordou-o na rua e disse:

– Sr. Bilac, estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que poderia redigir o anúncio para o jornal?

Olavo Bilac apanhou lápis e papel e escreveu: “Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortado por cristalinas e merejantes águas de um lindo ribeirão. A casa, banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes na varanda”.

Alguns meses depois, o poeta encontra-se com o comerciante e pergunta-lhe se já havia vendido o sítio.

– Nem pensei mais nisso – disse o homem. Depois que li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha!

Às vezes, não descobrimos as coisas boas que temos conosco e vamos longe atrás de miragens e falsos tesouros.

Valorize o que você tem, a pessoa que está ao seu lado, os amigos que estão perto de você, o emprego que Deus lhe deu, o conhecimento que você adquiriu, a sua saúde, o sorriso, enfim tudo aquilo que nosso Deus nos proporciona diariamente para o nosso crescimento espiritual.

(Autor desconhecido)

O texto se estrutura em duas partes típicas desse gênero: uma narrativa seguida de aconselhamento. Na primeira parte, podem-se levantar as seguintes questões: por

que o anúncio escrito por Olavo Bilac levou o proprietário a desistir de vender o sítio? Em outras palavras, como a linguagem foi usada a ponto de levar o proprietário a perceber o que antes não percebia?

A análise dos processos, participantes e circunstâncias que compõem as orações permite verificar-se como a experiência das personagens em relação ao “sítio” é representada no discurso.

Começamos pela análise das orações que realizam **processos materiais**. Elas são definidas como orações de “fazer-e-acontecer”, porque estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. Essa mudança é provocada por algum investimento de energia feito por um participante, a que Halliday; Matthiessen (2004) denominam Ator. Esse tipo de processo se verifica em:

Olavo Bilac **apanhou** lápis e papel e **escreveu**:

O Ator dos processos “apanhou” e “escreveu” é “Olavo Bilac”. Esses processos são materiais porque o Ator despendeu certa energia para realizar os movimentos necessários para apanhar lápis e papel e, então, escrever. O processo material “apanhou” é do tipo transformativo, já que um dos participantes pré-existe e é modificado em algum aspecto. Em outras palavras, lápis e papel são modificados de alguma forma durante o desdobramento do processo – pode-se inferir que, no início do processo, estavam guardados num bolso da roupa de Olavo Bilac (tendo em vista que o evento se passa “na rua”) e, ao final, passam para as mãos do poeta.

Já o processo “escreveu” traz à existência outro participante – o anúncio. Quando isso ocorre, o processo material é do tipo criativo. A escolha desse processo indica o atendimento de Olavo Bilac à solicitação do amigo.

Note-se que, além do Ator, outros tipos de participantes estão envolvidos na oração. O participante que é afetado de algum modo pelo processo denomina-se Meta. Então, “lápis e papel” é a Meta, porque sofre a *performance* do processo “apanhou”. Nesse caso, a oração é do tipo “fazer” e, por isso, é chamada transitiva, em que o Ator age sobre a Meta (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A análise das orações que constituem o anúncio para o jornal (o resultado do processo de escrever) mostra como Olavo Bilac representa no discurso as suas impressões sobre o sítio:

**Vende-se** encantadora propriedade, onde **cantam** os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, **cortado** por cristalinas e merejantes águas de um lindo ribeirão. A casa, **banhada** pelo sol nascente, **oferece** a sombra tranqüila das tardes na varanda.

Em “Vende-se encantadora propriedade”, o processo material “vende-se” não tem um Ator explícito. Essa ausência do Ator no processo “vender” é típica do gênero anúncio. Com a Meta “encantadora propriedade”, é introduzida a descrição do sítio.

Para construir uma imagem “encantadora” da propriedade colocada à venda, são evidenciados aspectos da natureza: pássaros que cantam, um extenso arvoredo, um ribeirão com águas cristalinas e marejantes e uma casa que recebe os raios solares da manhã e da tarde. Pássaros, arvoredo, água e sol são elementos que, progressivamente, vão compondo o retrato de um lugar em que o contato com a natureza é plenamente possível. Como essa imagem se constrói gramaticalmente? A seguir, buscamos responder a essa questão.

Analisemos cada uma das orações, iniciando por:

onde **cantam** os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo

Nessa oração, o processo material “cantam” é do tipo “acontecer”, pois apresenta apenas Ator (“os pássaros”). Quando não tem uma Meta, o processo é chamado intransitivo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Ainda nessa oração, há participantes periféricos (considerados opcionais) denominados circunstâncias: “ao amanhecer” expressa uma circunstância de tempo, e “no extenso arvoredo” expressa circunstância de lugar. Note-se que, na segunda circunstância, é apresentado o segundo elemento (o arvoredo) a compor a representação do sítio como uma “encantadora propriedade”.

Na oração seguinte,

**cortado** por cristalinas e merejantes águas de um lindo ribeirão

o “arvoredo” passa a ser a Meta do processo que se encontra na voz passiva: “[é] cortado”. O Ator desse processo é “cristalinas e merejantes águas de um lindo ribeirão”. Ou seja, as águas do ribeirão agem sobre o arvoredo, transformando a paisagem. Logo, “cortar”, nesse contexto, é um processo material transformativo. Essa estrutura lingüística confere uma imagem de movimento, de dinamismo. Além de, metaforicamente, “cortarem” o arvoredo, as águas são caracterizadas como “cristalinas e merejantes”, isto é, livre de poluição. A origem dessas águas também é avaliada positivamente: “lindo ribeirão”.

Até esse ponto do anúncio, é representado o ambiente natural do sítio. A seguir, é informada a existência de uma casa:

A casa, **banhada** pelo sol nascente, **oferece** a sombra tranqüila das tardes na varanda.

O uso do artigo definido “a” indica que a casa é tomada como algo esperado. Numa oração, a casa é representada como Meta e, na outra, como Ator, o que produz um efeito argumentativo interessante. A casa é representada com uma estrutura adequada em relação à orientação solar: permite o contato com raios solares da manhã (que, como se sabe, são geralmente mais amenos) e protege dos raios solares da tarde (que são geralmente mais intensos). Para produzir esse sentido, na primeira oração, a casa é representada como Meta do processo “banhada”, como algo que se deixa envolver pelo “sol nascente”, o Ator. Na segunda oração, a casa passa a ser o Ator de “oferece”, que tem como Meta “a sombra tranqüila das tardes”. Assim, a casa é representada como um lugar agradável, que não impede o contato com o sol nas melhores horas do dia nem expõe seus usuários aos raios solares nas horas em que o sol é mais forte.

A ausência de outras informações (como o tamanho da casa, a extensão do terreno, etc.), que tipicamente são mencionadas em anúncios de vendas, contribui para a ênfase nos aspectos julgados importantes pelo poeta que, segundo o proprietário do sítio, “tão bem conhece” o lugar. A seleção do que dizer e a escolha do como dizer foram, em certa medida, determinadas não só pelo propósito do anúncio (persuadir compradores para o sítio), mas também, e principalmente, pelas experiências vividas pelo poeta naquele lugar, as quais direcionaram o foco do discurso. Essa seleção de elementos do sistema lingüístico mobilizados no discurso permitiu que o proprietário do sítio, na posição de leitor, percebesse a realidade sob outra perspectiva, o que o fez querer manter a posse da propriedade. Tem-se, assim, uma possível resposta para a questão apresentada anteriormente: como a linguagem foi usada a ponto de levar o proprietário do sítio a perceber o que antes não percebia?

Essa mudança de percepção da realidade é verificada, no texto da mensagem, pelo uso de processos mentais. Diferentemente dos processos materiais, os **processos mentais** dizem respeito à nossa experiência do mundo da consciência de um ser consciente (humano) ou dotado de consciência (personificação), o qual é denominado Experienciador. As orações mentais realizam processos de pensar, sentir, perceber e querer, como se verifica no seguinte trecho:

– Nem **pensei** mais nisso – disse o homem. Depois que **li** o anúncio é que **percebi** a maravilha que tinha!

Na primeira oração, o Experienciador de “pensei”, “li” e “percebi” é o proprietário do sítio na posição de enunciador, conforme indica a primeira pessoa do singular (eu). O participante alvo do processo mental denomina-se Fenômeno. Assim, “nisso” (que retoma a ação de vender o sítio) e “o anúncio” são Fenômenos dos processos mentais cognitivos “pensar” e “ler”, respectivamente. Já “a maravilha que tinha” é Fenômeno do processo mental perceptivo “perceber”. Esses elementos lingüísticos evidenciam a mudança de representação das experiências vividas pelo proprietário do sítio, a partir

do momento que teve acesso à representação discursiva realizada pelo amigo poeta acerca do sítio.

Além da presença de orações materiais e mentais, são típicas em narrativas orações **verbais**, que se realizam por processos de dizer. Essas orações são importantes recursos em vários tipos de discurso, tornando possível a organização de passagens dialógicas. Há sempre o participante denominado Dizente, que emite a Mensagem. No texto em análise, a narrativa inicia com um evento material (“abordou”), seguido de um evento verbal (“disse”):

O dono de um pequeno comércio, amigo do grande poeta Olavo Bilac, certo dia abordou-o na rua e **disse**:

– Sr. Bilac, estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que poderia redigir o anúncio para o jornal?

“O dono de um pequeno comércio” é Ator de “abordou” e Dizente de “disse”. O que segue os dois-pontos (o que é dito pelo Dizente) é a Mensagem (nesse caso, a informação sobre a necessidade de vender o sítio e o pedido de redação do anúncio de venda). A Mensagem se apresenta sob discurso direto. A estrutura introdutória da narrativa é, então, oração material seguida de oração verbal.

Nas orações verbais, pode haver também o Recebedor, a quem o Dizente destina o processo, como ocorre em:

Alguns meses depois, o poeta encontra-se com o comerciante e **pergunta-lhe** se já havia vendido o sítio.

Nessa oração, o Dizente é “o poeta” em relação ao processo “pergunta”, e o Recebedor é “lhe”, que remete ao “comerciante”. A Mensagem é “se já havia vendido o sítio”, apresentada sob discurso indireto. Note-se que a circunstância temporal “Alguns meses depois” sinaliza novo estágio da narrativa, que encaminha a expectativa sobre a resolução da questão.

Note-se que, no final da narrativa, repete-se a estrutura gramatical com que foi iniciada a narrativa (oração material seguida de oração verbal). Essa recorrência, de certo modo, contribui para a fluência da narrativa perante o leitor, uma vez que estruturas gramaticais estáveis parecem facilitar a leitura<sup>2</sup>. Outro aspecto interessante é o efeito da Mensagem da oração verbal: o que o poeta pergunta é, provavelmente, também o que o leitor quer saber.

---

<sup>2</sup>Essa é uma constatação que precisa ser comprovada por meio de análises mais aprofundadas de um *corpus* mais extenso sob a mesma perspectiva de linguagem adotada aqui.

Seria natural o leitor esperar por uma resposta que estivesse condicionada ao aparecimento ou não de um comprador para o sítio após a divulgação do anúncio. Mas a resposta se apresenta assim:

– Nem **pensei** mais nisso – disse o homem.

A ordem inversa da oração (Mensagem, processo e Dizente) em vez de a ordem usual (Dizente, processo e Mensagem) produz um sutil efeito de quebra das expectativas iniciais do poeta e, por conseguinte, do leitor. O foco não é mais a busca por um comprador para o sítio (objetivo do anúncio), mas sim a intenção do vendedor. Portanto, o sítio não foi vendido não porque não há comprador, mas porque o proprietário desistiu da venda.

Essa quebra de expectativas iniciais é característica em narrativas. Com essa análise, é possível não só identificar o estágio em que essa quebra ocorre, mas principalmente verificar como se processa, em nível gramatical, a construção desse efeito que torna tão atraentes narrativas desse tipo.

Com a resposta dada pelo comerciante, encerra-se a estrutura narrativa, e inicia-se a segunda parte típica do gênero: o aconselhamento. Nessa parte, o discurso, geralmente com uma estrutura expositiva, passa a ser direcionado ao leitor:

Às vezes, não descobrimos as coisas boas que temos conosco e vamos longe atrás de miragens e falsos tesouros.

Valorize a pessoa que está ao seu lado, os amigos que estão perto de você, o emprego que Deus lhe deu, o conhecimento que você adquiriu, a sua saúde, o sorriso, enfim tudo aquilo que nosso Deus nos proporciona diariamente para o nosso crescimento espiritual.

O envolvimento do leitor no discurso se realiza em duas etapas. A primeira se verifica no primeiro período da exposição, em que o leitor é representado como fazendo parte de uma coletividade, indicada pelo uso da primeira pessoa do plural nos processos “descobrimos” e “vamos”. O leitor, junto de outras pessoas em geral (inclusive o autor da mensagem), é representado como Ator de eventos não aconselháveis.

A segunda etapa da exposição é iniciada com o uso de um processo **comportamental** (o qual tem tendências materiais e mentais): “Valorize o que você tem”. O verbo “valorize”, no imperativo, tem como participante Comportante o leitor da mensagem (“você”). Desse modo, o leitor é solicitado a ter um determinado comportamento diante de coisas e pessoas com que mantêm algum tipo de relação. É aconselhado a ver de modo positivo o que e quem está ao seu redor.

O aconselhamento é ainda construído por meio de orações relacionais. Segundo Halliday; Matthiessen (2004), as orações **relacionais** servem para caracterizar

(Atributivos) e identificar (Identificativos) entidades. Os processos relacionais constroem experiências como seres (e não como coisas ou sensações). Com relação à natureza de ocorrência, constroem mudança sem dispêndio de energia, em fluxo contínuo, uniforme, sem fases distintas. Por isso, podem ser construídas localizações espaciais, como em “a pessoa que está ao seu lado”. Nessa oração, “que” (referindo-se a “a pessoa”) é o Identificado, e “ao seu lado” a circunstância. Com essa estrutura, é estabelecida uma relação entre o leitor e quem pode ser identificado como seu companheiro. Esse sentido também pode ser apreendido da oração “os amigos que estão perto de você”: o pronome “que” (retomando “amigos”) é identificado como aqueles que se encontram numa circunstância especial: “perto de você”.

Sem mais detalhes acerca das diversas inferências que se poderia fazer sobre esses enunciados, convém a observação de que as orações relacionais são constituídas por dois participantes inerentes: duas entidades separadas que estão em relação uma com a outra por meio de um processo que funciona apenas como um *link* entre elas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.213-214).

Desse modo, foram selecionados os componentes da transitividade, com que são identificadas as coisas e as pessoas que, na visão de quem está aconselhando, merecem valorização por parte de quem lê a mensagem. O leitor é incentivado a agir de determinada maneira (nesse caso, sob o ponto de vista religioso).

Buscamos, assim, descrever o funcionamento da linguagem, em nível gramatical, em um texto que tem por propósito transmitir uma mensagem de otimismo ou uma lição de moral.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A descrição do sistema de transitividade do texto, conforme proposto em Halliday; Matthiessen (2004), possibilita que se verifique o modo como as pessoas, as coisas e os fatos são representados no discurso. Quando se lê um texto, não se pode ter acesso direto à realidade vivida pelo autor; tem-se, sim, acesso à representação que o sujeito faz dessa realidade, que manifestam as suas impressões sobre si, sobre as coisas, sobre os outros, sobre o mundo que o cerca.

O reconhecimento do que é representado, como e por que é representado de tal modo e não de outro possibilita a realização de inferências autorizadas pela linguagem que constitui o texto (e não por meras intuições, como às vezes ocorre). É importante que o leitor conheça o funcionamento dos mecanismos da linguagem que constroem a representação de experiências no discurso. De certa forma, o olhar sobre o texto sob a perspectiva sistêmico-funcional possibilita a articulação entre a gramática, o texto e o contexto para apreenderem-se sentidos. No contexto educacional, ao conduzir o processo de leitura e produção textual sob essa perspectiva, o professor permitirá ao aluno não só compreender o que lê, mas também analisar criticamente os sentidos produzidos no e pelo discurso.

## REFERÊNCIAS

- CORÔA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. M. M. *An introduction to functional grammar*. 3<sup>th</sup>. ed. London: Arnold, 2004.
- HARRÉ, D. Gramática e léxicos, vetores das representações sociais. In: JADELET, D. (org.). *As representações sociais*. Tradução de Lillian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.105-121.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (org.). *As representações sociais*. Tradução de Lillian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.17-44.
- MARTIN, J.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London, New York: Continuum, 2003.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.